

MAIO
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 20

Psicologia e educação

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE HUMANA — XIV

As transformações da civilização muçulmana e a decadência árabe — Catalizador humano e campos consciência — Grandeza e decadência da sociedade muçulmana

PROBLEMAS DA JUVENTUDE

A criação, frustrada de um novo «País Hippy»

O CANCRO TEM CURA?

PODERÁ A DEMOCRACIA SOBREVIVER EM UMA SOCIE- DADE TECNOLÓGICA? — ESTAREMOS EM UMA FASE DE «CRISE DA DEMOCRACIA»?

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES
Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAGAMO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA
Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

Sala
Est.
Tab.
N.º

Um novo antibiótico de acção mais intensa

Eritina

Indicações — Infecções agudas e crónicas por germes Gram-positivos, nomeadamente por estafilococcus, estreptococcus, pneumococcus e meningococcus. Revela-se também eficaz contra algumas bactérias Gram-negativas, rickettsias, certos virus e parasitas (amibiase aguda e crónica).

Pela baixa toxicidade e largo espectro de acção: **Eritrina** torna-se o medicamento de eleição nas amigdalites, sinusites, bronquites, faringites, otites, osteomielites, endocardites, erisipelas, furunculose, piodermites, gonorreia e ainda em todas as situações com germes resistentes ou sensibilidade alérgica à penicilina.

Posologia — Segundo prescrição médica. Nas situações correntes e infecções de média gravidade, a dose indicada oscila entre 1 a 2 cápsulas (250 a 500 mgrs.) de 6 em 6 horas.

Nas infecções graves, especialmente nas osteomielites e endocardites agudas, as doses terão que ser muito mais elevadas e durante um tempo prolongado, de preferência sob o controle prévio do antibiograma.

— Prepara-se em frs. de 12, 24 e 100 cápsulas.

Contra-indicações e efeitos secundários — Não existem praticamente contra-indicações para o uso de **Eritromicina** a não ser que estejamos em presença de germens resistentes a este antibiótico, o que é raro.

Os efeitos secundários, já de si mínimos com a **Eritromicina** base, são ainda muito menores com o uso do **propionato de Eritromicina**, sendo raríssimas as manifestações alérgicas que se limitam a prurido e erupções cutâneas e ainda mais raras as depressões medulares ou perturbações das funções renal e hepática.

Contrasta ainda a **Eritromicina** em relação aos outros antibióticos de largo espectro, pelo facto de ter efeitos prejudiciais mínimos sobre a flora intestinal, sendo diminutos os casos de perturbação gastro-intestinal.

De entre os antibióticos de largo espectro, a **Eritromicina**, apresenta como característica fundamental a baixa toxicidade (Herrer-1958), sem perda de capacidade terapêutica, o que permite uma larga margem de manejo, com administração de doses elevadas durante tempo prolongado.

O Laboratório Sanitas reconheceu na **Eritina** (**propionato de Eritromicina**) o sal ideal pois, para a mesma dose oral, produz níveis sanguíneos mais precocemente elevados e mantidos durante mais tempo, além de uma toxicidade inferior à da própria **Eritromicina**.

ABRIL
MAIO
DE 1968

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 20

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

Psicologia e educação

PROBLEMAS DE FILOSOFIA

O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO DA «PERSONALIDADE HUMANA»

XIV

AS TRANSFORMAÇÕES DA CIVILIZAÇÃO MUÇULMANA E A DECADÊNCIA ÁRABE

Na continuação deste estudo sobre «O papel da religião e da política na formação da personalidade humana», ocupámo-nos nos dois últimos números do estudo sobre o «Fanatismo», nos seus aspectos, de carácter individual e colectivo. Vamos continuar, tratando de novos aspectos do problema.

Catalizador humano e «Campos de Consciência»

Uma pessoa cujo temperamento em relação à emotividade seja praticamente nulo ou muito lento (como sucede com os nórdicos, anglo-saxões e alpinos) não é capaz de manifestar indignação em face de todas as reacções excessivas. Mas basta ter um mínimo de emotividade possível para que esta, sob a influência de um catalizador fora do vulgar, possa exteriorar-se. Assim, um grande Santo, doutor da Igreja, descreveu um dia como tomou parte no entusiasmo dos espectadores, quando contemplava uma exibição em um circo, exibição que ele depois classificou como «muito condenável».

Da mesma maneira, temos visto médicos e cirurgiões, emocionados por cenas terrificantes do teatro, género Grand-Guignol, apesar de conhe-



cerem os artificios da montagem e a mostrarem sangue-frio em face dos sofrimentos humanos.

Em resumo, o sentimento gregário, ligado ao da imitação, é a manifestação própria de um campo de consciência, concentrada sobre uma pessoa exemplar, sobre um Senhor Ideal ou o seu representante.

Nos povos dominados por um campo de consciência muito larga uma reacção de fanatismo pode ser equilibrada por um espírito crítico que não perde de vista uma concepção sintética do fim que tem em vista.

Assim, deve deixar-se uma certa margem de segurança aos grandes movimentos populares que, como nos fascistas ou nos nazis, podem beneficiar de uma certa maleabilidade de acção, ou readaptar-se rapidamente a um novo ideal, quando o primeiro falhe.

Pelo contrário, o campo de consciência extremamente estreito dos Chineses, torna-os prisioneiros de obsessões de detalhe, que lhes podem fazer perder o contacto com as noções do conjunto e paralizá-los nos seus preconceitos escrupulosos e levá-los, em frente da adversidade, a uma reacção paranóica colectiva. Ora esta mentalidade não é própria da filosofia comunista (que é, pelo contrário, extremamente sintonia, optimista e extravertida), mas é própria do temperamento especial dos amarelos mongóis, em quem a minúcia e o espírito perscrutador, fizeram criar a designação popular de «chinesisses», que quer significar o refinamento e a extrema precisão, características das suas antigas civilizações.

Os povos soviéticos, pela sua hereditariedade, estão em uma situação, mais ou menos intermediária e têm sem dúvida beneficiado da vantagem de combinar as duas tendências, tendo o cuidado de coordenar (mesmo contra as suas crenças anti-caracteriológicas) a complementariedade dos dois temperamentos.

Pelo que respeita aos muçulmanos, o seu campo de consciência, muito estreito (que nas mestiçagens com os judeus exprime um carácter dominante) e o seu fanatismo exagerado tem exercido uma acção de diminuição ou aniquilação sobre as actividades humanas, ligando-os a detalhes ínfimos, com prejuízo dos grandes problemas do futuro.

Grandeza e decadência da sociedade muçulmana

Os processos que têm responsabilidade na evolução de uma sociedade, desde o seu nascimento, até ao seu apogeu e ao seu declínio, têm sido objecto das principais investigações das escolas sociológicas (*Durkheim, G. Bouthoul, E. Caillot*, etc.) porque é o estudo dos maiores problemas da Natureza.

Estudando os acontecimentos políticos, psicológicos, económicos, a transformação das qualidades do solo, os alimentos e riquezas que os homens dele podem tirar, é assim que se pode concluir sobre a «evolução dos caracteres».

Continuando o estudo sobre o carácter dos muçulmanos, temos de considerar, em primeiro lugar, que Mahomé não era um fanático; depois da sua morte e durante 3 a 4 gerações, o Islão teve a felicidade de ser dirigido por alguns dos seus sucessores que tinham o mesmo carácter entusiasta e apaixonado do Profeta, mas suficientemente fleumáticos para guiarem os crentes com habilidade e uma perseverança sistemática.

Os primeiros missionários tentavam prolongar a personalidade do Chefe, actuando como ele, que foi mestre em psicologia.

Mahomé não foi um teólogo, mas possuía uma alma superior, bem como uma inteligência excepcional. Personalizando o seu país e a sua época, pelas suas qualidades de sentimentalidade, de bondade, de caridade e de generosidade, era ao mesmo tempo um excelente *Chefe de Estado* e um temível chefe militar, que não recuava perante as razias, nem perante as acção punitivas exemplares, que eram perfeitamente lícitas no seu meio.

Sabe-se que Mahomé meditou durante 15 anos sobre uma religião que pudesse ser um sincretismo das precedentes, respeitando sempre o carácter psicossomático da sua raça.

Julgou assegurar o sucesso da sua religião, estabelecendo um dogma simples e preciso e directivas a seguir na vida privada ou pública de cada pessoa, não oferecendo nada que a razão não pudesse conceber e que pudesse ser compreendido por todos os povos do mundo. Descreveu assim um inferno suficientemente terrificante para reforçar a sua acção persuasiva.

No entanto, uma religião tem de guardar uma certa maleabilidade, para poder ser assimilada por meios diferentes e temperamentos diversos, porque a acção individualista consiste em adaptar esta religião segundo as suas necessidades íntimas, sem se afastar das regras gerais iniciais. O Cristianismo não teve esta formação. O Islão apesar da sua diferenciação em muitas seitas, conservou sempre aquele carácter.

Enquanto Jerusalém, para os Cristãos, perdeu praticamente o seu papel unificador (os Lugares Santos tornaram-se em um lamentável espectáculo de seitas concorrentes) a peregrinação a Meca simboliza a união muçulmana. Os fiéis têm assim a maneira de contactar naquele lugar com todos os seus irmãos em religião, que ali chegam de todas as partes do mundo, o que é uma ocasião excelente para a difusão dos seus costumes e um *poderoso meio de unidade para uma civilização*. A língua árabe clássica é igualmente um factor primordial, porque enquadra os outros dialectos e é mesmo utilizada nos Muçulmanos Orientais como a língua sagrada.

Como foi possível que, após um período de intensa actividade intelectual, de invenções, de liberdade de espírito e de filantropia que fez dos Muçulmanos do séc. VIII ao séc. XIII, os sucessores da civilização da Grécia Antiga, se tivesse instaurado um fanatismo religioso, progressiva-

mente mais estreito, que pôde diminuir até hoje uma das mais altas civilizações que a humanidade tem conhecido?

Depois dos turcos terem dado ao Islão a sua fisionomia definitiva, um fenómeno psico-social progressivo ia levá-los no séc. XVIII a um período de perturbações e de anarquia, a uma queda política e a uma decadência económica e cultural, de tal forma que foi necessário preparar reformas religiosas e sociais, no séc. XIX, para se poderem adaptar à influência e civilização europeias.

A paralisia moral

O conformismo moral com a proibição de certos actos, a renúncia ao esforço intelectual para os explicar, confere ao pensamento um immobilismo improdutivo. Este estado de espírito manteve, até à época actual, uma mentalidade inibidora que obriga os Muçulmanos, ultrapassados pela civilização ocidental, a dizerem: — Nós, nada podemos fazer, porque somos ignorantes, somos pobres e há ainda o «colonialismo».

Raymond Charles observa como o Muçulmano inibido da sua fé, das suas tradições, da nostalgia do seu passado de esplendores, da sua aspiração dramática a um renascimento, é um insatisfeito quando mede hoje toda a dissonância entre o mundo moderno e o seu próprio «Eu».

O mundo muçulmano foi-se transformando progressivamente em uma sociedade fechada, até ao hermetismo. Mostrou uma incapacidade congénita para suportar os pensamentos e a acção dos outros, sensação que foi até ao desejo de destruir. É assim que na Argélia, mais de 400 escolas, fundadas pelos franceses, com o fim de introduzir a instrução à europeia, foram incendiadas; os melhores alunos foram perseguidos pelos seus camaradas não escolarizados.

Em Marrocos, as primeiras mulheres que recentemente trocaram os seus vestidos incómodos pela «djelaba», (manto de capuz reservado aos homens) foram linchadas na via pública. Tiveram de se bater, atirando-se e arranhando os homens para imporem a sua moda aos recalci-trantes.

Na Síria, que foi o berço da civilização árabe moderna e na Turquia que chegou a proibir a maior parte dos costumes antigos, esta transformação provocou um escândalo na aristocracia árabe: esta aristocracia de antanho continuava a viver em sociedade fechada, misturando-se o menos possível com a multidão.

G. Bouthaud nota que entre civilizações diferentes os processos imitativos se acompanham frequentemente de constrangimentos, que são resultantes dos *membros da civilização-modelo* que, para manterem uma situação de hegemonia ou uma conquista, impõem a sua mentalidade. Isto sucedeu, por exemplo, quando a Pérsia se converteu ao Islão. Este país de forte civilização anterior, mostrou como, adoptando o rito Chiita,

soube conservar-se separado dos árabes, em quem o ódio entre os Sunnitas e os Chiitas mantinha o fanatismo.

O «Shia», maometano, é semelhante ao «protestantismo» dos sucessores de Ali. Desde o período primitivo do Islão, a comunidade Chariita separou-se do tronco comum. Os Mahabitas da Arábia orgulhavam-se de ser a grande ortodoxia puritana, enquanto que, contentando-se em punir os exageros do Sufismo, o Islão sunnita tolerava as práticas moderadas.

A luta entre os racionalistas *mutazilitas* e os seus adversários conservadores, provocou novas definições sobre a natureza da fé e da comunidade. Estas discussões sobre as questões doutrinárias provocaram divisões no interior do Islão; foram sobretudo as concepções divergentes sobre a eleição do chefe supremo da religião, que separou os povos islâmicos; houve protestos contra a instituição do califado sunnita e protestos dos chiitas, que pretendiam que os imans só podiam ser os descendentes de Ali, os Zayditas do Yemen, que queriam substituir por eleição a sucessão hereditária da família de Fatimah, ou do Chawarij, que pretendiam que todo o muçulmano tinha o direito de combater pelo lugar de Comendador dos Crentes.

Estes fenómenos não eram muito diferentes dos que constituíram a origem das divisões dos Cristãos, controvérsias sobretudo baseadas sobre o facto de saber quem, entre os homens, tem ou não o direito de se considerar como o único que pode falar directamente em nome de Deus ou da Igreja (sobretudo quando o privilégio da *Infallibilidade* foi posto em causa) e que tem o direito de legislar sobre o perdão ou sobre a condenação dos fiéis (que é o caso da excomunhão ⁽¹⁾).

Galileu foi obrigado a curvar-se perante a única autoridade do seu tempo. Esta autoridade falta no mundo muçulmano.

Na comparação das religiões para o estudo da sua acção sobre a formação da personalidade, temo-nos demorado sobre a influência da religião muçulmana, que para nós é de considerar, pela influência que teve na nossa civilização, por um lado e, por outro, para compreendermos certos fenómenos na religião cristã e nas outras, que contribuíram para a formação de tão diversas personalidades, com quem temos de contactar no mundo político e no mundo dos negócios, para melhor as podermos compreender e para melhor actuação intelectual da nossa parte.

(1) Continuamos a desenvolver ideias de G. Dingemans, de Lausanne, expandidas no seu artigo «Le Monde Musulman» da revista «Medicine et Hygiene», de Maio de 1966.

CURIOSIDADES

● **Provérbio árabe** Se aquele desgraçado montasse um estabelecimento de caixões, nunca mais ninguém morria!

Complexo de superioridade e ilusionismo

Mesmo os psicólogos maometanos, como Malek Bennabi⁽¹⁾, reconheceram a «paralisia moral» que o complexo de superioridade conferiu, desde que se crê absolutamente que o Islão é uma religião perfeita. O crente vive em uma completa quietação moral, sem nenhum auto-exame, nem escrúpulos de consciência, porque «ser muçulmano é ser *perfeito*» e representa uma garantia da felicidade no outro mundo.

Malek Bennabi reconhece que o «Ideal islâmico, ideal de vida e de movimento», resvalou mais tarde para o orgulho e, particularmente, para a suficiência da perfeição do devoto, que acredita que é *perfeito* quando faz as suas cinco orações quotidianas, mesmo sem procurar emendar-se ou melhorar-se, porque se considera «definitivamente perfeito», o que vai falsear todo o progresso do indivíduo e da sociedade em que vive, pois se sente tranquilamente satisfeito.

De aí deriva uma verdadeira ligação espiritual, que reside na convicção de que «todos os crentes são irmãos»; «o sangue de um muçulmano vale bem o sangue de outro muçulmano». Assim, não existe ostracismo entre as pessoas que seguem o «*Livro*» (Al-Corão), entre os grupos funcionais dos letrados, dos religiosos, dos burgueses tradicionalistas, dos artesãos e dos comerciantes, mesmo quando agrupados em corporações, porque «todos são perfeitos».

O Muçulmano está persuadido de que, simplesmente por ser um *crente*, tem o paraíso perfeitamente certo e que terá este desejável paraíso de prazeres, espirituais e carnavais, por toda a eternidade! — Não têm razão para se preocuparem e deixarem a preguiça habitual guiar os seus apetites, até que Allah decida que entrem no seu reino, o que é um futuro sobrenatural, que está escrito pelo destino...

Esta certeza na recompensa eterna, mesmo que tenha 9 por cento de pecados na balança de «pesagem das almas», permite-lhe satisfazer sem preocupações, as necessidades mais preocupantes do seu erotismo, o que está em uma posição perfeitamente antípoda do Cristianismo.

Os doutores da Igreja pregam que «Ninguém pode ter a certeza de que irá para o Paraíso!»; «O que julga estar certo de que entrará no Céu, muitas vezes irá para o Inferno». Pelo que respeita à «pesagem das almas», quando morrer, basta um pecado grave, sem arrependimento, para poder arruinar toda uma vida de sacrifícios e basta um hábito condenável para lançar no desespero uma alma, que até então era impecável. — Enfim, quando a mentalidade anti-erótica ameaça o cristão escrupuloso até aos pontos mais reconditos do seu cérebro, compreende-se que o mundo cristão esteja muito longe de poder concorrer com a beatitude tranqüila e feliz dos crentes muçulmanos. É por isso que a religião muçul-

(1) *Malek Bennabi* — *Vocation de l'Islam*. Paris, 1957.

mana se propagou tão facilmente nos povos primitivos, que não têm a complexidade psicológica dos povos cultos e que julgam que têm tudo a ganhar abraçando aquela crença, que tudo promete, em troca de um sacrifício muito pequeno.

Na linha em que se move o «pensamento dos europeus», o Cristão autêntico deve conquistar a sua salvação à custa de privações e de sacrifícios de muitos desejos, que são naturais na natureza biológica humana, enquanto que o «pensamento dos árabes», como diz *Raymond Charles*, evolui dentro de uma linha circular, onde em cada volta e revolta, se confunde o passado com o futuro na eternidade daquele momento.

A língua árabe só exprime o momentâneo e o durável, o perfeito e o imperfeito, o acabado e o incompleto, sem a noção característica do *passado*, do *presente* e do *futuro*. Não fazem distinção entre o *ter* e o *haver*.

Essa linguagem, pode ser muito expressiva mas tem dificuldades em enquadrar o pensamento de temperamentos diversos. No decorrer da proto-história esta língua foi formada, sem dúvida, no meio de povos hamíticos, de psicologia *primária*, enquanto que as origens indo-europeias tiveram uma formação já *secundária*.

O mundo muçulmano, encontrou-se assim prisioneiro do seu conformismo e este conformismo neutralizou o conceito essencialmente humano desta quarta dimensão do universo, que é a concepção «espaço-tempo» (que levou, com Einstein à maior manifestação da inteligência).

Ao passo que os *antigos* árabes tinham provado as suas aptidões intelectuais para os seus conhecimentos em geometria, em álgebra, em cálculo e em astronomia, (chegando a ter utilizado a bússola), em medicina, etc. e tendo deixado estas aptidões aos povos da nossa península, quando foram forçados a abandoná-la, a pouco e pouco, os artistas ou os sábios pela filosofia da sua religião, viram-se privados do contacto com o *real* e foram-se encerrando no *convencional* que, por falta de vibração, vai formando a *esclerose*.

Foi assim, que os Egípcios, criadores das artes plásticas, os primeiros produtores de obras de escultura e de pintura em uma «escala industrial», chegaram a renunciar, em uma única geração a estes dons notáveis, quando o Islão lhes impôs o «tabú» da reprodução das formas humanas e animais. Os artistas tiveram então de se contentar com a modelagem em gesso frágil de motivos infinitamente copiados, de que a complicação das sobrecargas decorativas da arte oriental (importada pelos turcos) está em contradição com a simplicidade austera ambiente dos primeiros muçulmanos.

Um fenómeno, muito semelhante, se deu no próprio seio da Igreja, quando as artes e as modas faustosas antigas, introduzidas pela Renascença, quiseram abafar o espírito admirável dos primeiros Cristãos.

A história da decadência dos países muçulmanos é a melhor demonstração dos desastres a que leva a vontade de se desembaraçar da complexidade social, quando se procura simplificar a vida das grandes nações. «A simplificação conduz ao «abafamento», que vai até à destruição, de todas as iniciativas e de toda a vocação original. O destruir os dons e as capacidades dos homens, é ainda mais prejudicial do que a imposição de uma mentalidade à força», é o que afirma G. Bouthol, a quem já muitas vezes temos feito referência.

Todas estas considerações que temos feito através do estudo sobre a influência das religiões, particularmente da cristã e da islâmica, que tanto contribuíram para a formação da personalidade actual dos europeus, sobretudo dos povos da península ibérica, serão completados com o estudo dos *problemas do mundo muçulmano contemporâneo*.

Problemas do mundo muçulmano contemporâneo **Hospitalidade e xenofobia**

Sabe-se que a unidade do mundo árabe se baseia na comunidade linguística (em relação ao «velho-árabe») e religiosa e ao orgulho do seu passado.

Sob o ponto de vista biológico, consideramos também o denominador comum racial, apresentado pela sua origem centro-asiática, possuidora do grupo sanguíneo B, quer se trate dos Semitas árabes conquistadores, quer se trate dos povos autóctones pré-islâmicos, desde o Médio Oriente até ao centro da África, já caracterizados por estes mesmos factores raciais e pelos temperamentos que lhes estão ligados.

G. Dingemans, que nos tem guiado neste estudo sobre o mundo muçulmano, diz que nas suas viagens, através de todos os países muçulmanos, desde as Ilhas de Sonda e da Malásia, passando por todo o Médio Oriente, até às comunidades mais afastadas de Madagascar e da África do Sul, ficou sempre impressionado pela simpatia natural que nasce, espontaneamente entre as pessoas dos quatro cantos do mundo deste império religioso; a hospitalidade, a boa vontade e a tolerância não são obrigações corânicas? — Através de todos estes povos, negros, castanhos, pardos, brancos ou amarelos, mas todos fortemente centro-asiáticos e «arabizados», existe um notável ar de família, e de confiança nas relações humanas, sem dúvida pelo carácter dominante genético da raça assimilante, tanto pela sua morfologia, como pelas suas tendências psicológicas natas.

É precisamente esta tolerância, que é importante nos maometanos como uma obrigação corânica, como um dogma, que não é próprio da sua psicologia natural; ela repugna ao seu instinto e eles deixam de a observar nas suas relações temporais.

A intolerância torna-se rapidamente em *hostilidade*, franca ou disfarçada, nas suas relações com os estrangeiros, como são considerados os

indús e os budistas; com respeito aos Judeus, sabe-se que existe um ódio secular. O ódio fanático é sempre a consequência normal do espírito de intolerância que tem dividido os muçulmanos entre si, os Sunistas e os Chitas. Enquanto aos Cristãos, são considerados como *meios-irmãos inferiores*, porque é incontestável que, para eles, um escravo-negro muçulmano tem mais valor do que um profissional cristão branco.

Os Cristãos vivem, no entanto, muitas vezes em *simbiose* com os Muçulmanos, tais como os médicos, industriais, escribas, serralheiros, marceneiros, artesãos especializados; mas os próprios escravos não-muçulmanos, têm de viver à parte, fora de casa, enquanto os muçulmanos que vivem com as famílias, sofriam todas as espécies de interdições sociais; as condições civis dos cristãos que vivem junto aos muçulmanos, são sempre inferiores.

Mas os Muçulmanos têm frequentemente necessidade dos Judeus, especialmente dos sapateiros, curtidores, tintureiros, joalheiros e, sobretudo, dos banqueiros, porque o crente não pode emprestar a juros altos e frequentemente não têm outro meio de obter dinheiro.

Hoje, estes Cristãos árabes e estes Judeus, parece viverem em boa harmonia; às vezes ficamos surpreendidos com a intolerância dos Cristãos para com os outros, no Próximo Oriente e com reuniões dos Maometanos e dos velhos Judeus, em Marrocos, nas Medinas e nos mercados (Suks), ou com os Judeus afrancesados na Tunísia.

No entanto a *xenofobia* continua sendo a característica mais marcada da mentalidade do Islão; a sua intensidade pode ser avaliada em proporção com a tolerância ou com a interdição conferida aos turistas para visitarem as suas mesquitas.

Nas pessoas pouco arabizadas observa-se igualmente um relaxamento dos costumes muçulmanos; as mulheres berbéres só raramente usam véu. Nota-se que as famílias muito modernizadas da África do Norte, do Egipto, do Irão e em outros países, chegam até a frequentar as praias em fato de banho e segundo a moda parisiense, mas são em geral pessoas de pele clara ou branca, que podem passar desapercibidas na multidão.

O *test* mais eficaz para medir o grau da importância da convicção islâmica é a fotografia; os fotógrafos muçulmanos já são numerosos nas medinas. Os reis e os governadores já são os primeiros a difundir os seus retratos, o que está em oposição absoluta às regras do dogma; os jovens, nas reuniões desportivas, precipitam-se para a frente, quando se está a fazer uma filmagem.

O Egipto criou uma pequena indústria cinematográfica e bons retratistas começam a pintar retratos. No entanto, a multidão que se contenta em voltar a cara quando os turistas olham para eles com intenção de obter um cliché, pode mesmo deitar-se no chão ou enfurecer-se quando teimam em os quererem fotografar. No Hedjaz, no Yemen e no

Afganistão, os jornalistas devem fazer-se acompanhar por polícias ou oficiais, se não quiserem arriscar a vida, enquanto no Sudão e na maior parte das pequenas comunidades muçulmanas dispersas, o turista chega a ser objecto de uma curiosidade interessada. Em certos principados petrolíferos, os árabes ricos mostram com orgulho os seus aparelhos fotográficos, bem como os seus Cadillacs e outros artigos americanos de ostentação.

Pelo que acabamos de expor se verifica que os *tabús* das relações entre os muçulmanos e os outros povos, vão desaparecendo e como as mentalidades actuais são tão diferentes das dos antigos. A evolução marcha de tal maneira que se vão esbatendo as diferenças de mentalidades e de formações de personalidade.

Mas a mentalidade, sobretudo entre os jovens, está-se transformando de tal forma, que as bases da personalidade individual acompanham esta numa transformação evidente, tanto no Ocidente como no Oriente.

No próximo artigo iremos estudar as modificações trazidas à demografia do Islão e os problemas dos Muçulmanos da Europa e do Ultramar, em relação à sua mentalidade e às relações com os Cristãos e como isto vai influenciando na transformação das formações das respectivas «personalidades».

CURIOSIDADES

A medicina no antigo Egipto — Até há cerca de um século, a medicina egípcia era mal conhecida. Eram os escritos de *Herodoto* e de *Diodoro da Sicília* as únicas fontes informativas, por vezes até contraditórias.

Depois da decifração dos hieroglifos por Champollion e depois das explorações feitas nos túmulos e monumentos e ainda depois das explorações da descoberta dos papyrus médicos, alguns datados de 3.000 anos antes de Cristo, como os de Edwin Smith, veio a saber-se que a medicina egípcia já era interessante naquele tempo.

O estudo desta civilização recuada a 2.000 anos antes de Cristo, mostra-nos as ciências médico-farmacêuticas inteiramente ligadas à história do sacerdócio.

Lá estavam os deuses bons, protectores da medicina: — *Apis, Isis, Ptah, Toth, Inhote, etc.* Eram os sacerdotes que exerciam a medicina e a preparar os remédios, simultaneamente médicos e farmacêuticos.

Entre os deuses salientava-se a deusa Isis, a quem se atribuía a descoberta de muitos medicamentos preciosos e curas notáveis milagrosas. Enquanto viveu sobre a terra, tinha um poder sobrenatural; indicava os meios de cura aos doentes, aparecia em sonhos e revelava os remédios próprios à cura do mal.

Segundo Bordeu foi esta a origem do costume de transportar os doentes para os templos, para ali passarem a noite, esperando a revelação divina. Vamos encontrar este hábito na Grécia Antiga, mesmo no tempo de Hipócrates.

Os sacerdotes do antigo Egipto constituíam a elite pensadora e tinham o monopólio das manifestações do pensamento e de toda a actividade intelectual; a medicina e a farmácia eram também exclusivas dos sacerdotes de Isis.

(Continua na Pág. 475)

PROBLEMAS DAS JUVENTUDES

A CRIAÇÃO, FRUSTRADA,
DE UM NOVO «PAÍS HIPPY»

As «sociedades» são constituídas por um conjunto de pessoas; assim como os indivíduos, podem ser saudáveis ou serem atacados de doenças sociais, mesmo de epidemias; quer infecciosas, quer de perturbações psicológicas, estas podem estender-se até às sociedades em que esses indivíduos vivem.

Ora, como foi definido na «Psicologia das Multidões», os movimentos psicológicos não crescem em *proporção aritmética*, mas sim em *progressão geométrica*. Assim, a reacção psicológica de 20 pessoas juntas, não corresponde a vinte vezes a reacção psicológica de um indivíduo, mas a sua intensidade corresponde a mais de cem vezes; este fenómeno verifica-se nos tumultos, no pânico, nos ataques de destruição ou nas fugas, em que um homem, isolado, em geral, nunca «perde a cabeça», mas que em grupo, *perdem a cabeça*, a ponto de se tornarem perigosos; deixam de raciocinar, para procederem tumultuariamente como rebanhos de carneiros; um homem, praticamente inofensivo, arrastado em uma multidão ululante, pode acompanhar o grupo em movimentos destruidores, até assassinos. O conhecimento deste fenómeno psicológico, pode explicar as sugestões de multidões para revoluções ou para guerras.

Estamos assistindo ao desenrolar e ao agravamento de uma doença social, que atinge principalmente os jovens, no final do período juvenil e durante, principalmente, o período da puberdade, mas que se prolonga, às vezes, até muito tarde, com grandes prejuízos, de ordem física ou moral, não só para as pessoas, mas em que as próprias famílias são atingidas. A propagação dos grupos dos «beatles», dos «blousons-noirs», dos «provos», dos «hippies» e outros similares, paralelamente ao aumento da criminalidade, à destruição do futuro desses jovens, aos toxicomanos, aos alcoólicos, ou aos pervertidos morais, etc., está a preocupar os sociólogos e os políticos responsáveis de todo o mundo, pois que, a princípio, procediam isoladamente e depois constituíam pequenos grupos; mas actualmente, só na América já são mais de 100.000 pessoas. Constituem portanto um perigo pessoal e social, que tem de ser estudado pelos sociólogos e pelos homens de estado, para actuarem, como é seu dever.

Ora, para estudar esta «doença social», como as outras doenças, teremos de estudar, parcelarmente, os «antecedentes», o «estado actual», o «prognóstico» e a «terapêutica». É o que vamos tentar fazer, baseados nos estudos que se estão fazendo em muitos países, atingidos por esse mal social, que está ameaçando o futuro das suas juventudes e portanto, a estabilidade actual e futura dos respectivos países.

Antecedentes

Quando as pessoas começavam a rir-se quando viam passar nas ruas estes gadelhudos, embonecados, com fatos esquisitos, eles com admanes femininos e elas masculinizadas, não tinham razão. Essas pessoas estranhas, passaram a reunir-se em grupos, que aumentavam constantemente, praticando actos contra a ordem e a moral, e com a sua doutrina amoral, adquiriam constantemente novos adeptos, mandriões ou amigos simplesmente do prazer e a pouco e pouco a mancha alastrava. Dentro em pouco, começaram a aparecer queixas de pais aflitos, porque os filhos, fugiam de casa, passando a viver uma vida de vândios, em promiscuidade sexual, a intoxicar-se com vários estupefacientes, a tomarem pilulas anticoncepcionais ou a provocarem abortos, a assaltar estabelecimentos, destruindo, roubando, etc.

E os que a princípio se riam, começaram muitos a ser vítimas desta nova onda. Viam que os seus filhos e filhas, que educaram carinhosamente para conquistarem para eles um futuro feliz, deslisar vergonhosamente, em plano inclinado, para a inutilização do seu futuro e para a destruição do presente, não só deles, mas da própria família, que até aí se considerava feliz e muito esperava do futuro daqueles jovens.

Tudo aquilo que a princípio observavam, que pareciam ser excêntridades... mas não o eram; funcionavam, como manequins, em obediência a um plano diabólico, mas muito inteligentemente programado e dirigido por professores de psicologia, vindos da Rússia e da Checoslováquia, com delegações em vários países, para irem desenvolvendo o plano estabelecido previamente. *Estes foram os antecedentes principais da situação actual.*

No n.º 13 da 5.ª série dos «Estudos», em um artigo sobre a «Sugestão», descrevemos a «psicologia do sugestionador e do sugestionado», as sugestões que levam à «subversão», as sugestões da guerra fria e os «métodos para exercer essas sugestões».

Dizíamos nesse artigo, que se convencionou chamar guerra fria e que não é senão um dos múltiplos aspectos em que se processam os esforços de propaganda, especialmente do partido comunista, para conseguirem a hegemonia mundial (1).

O progresso e a ciência, abrindo novos horizontes ao homem, criaram-lhe simultaneamente uma receptividade acrescida, que o tornou muito mais sensível aos mecanismos ideológicos. Hoje são as ideias, muito mais que os factos, que conduzem, orientam e dividem o Homem. O mundo contemporâneo assistiu ao nascimento,

(1) Veja o artigo «Da caracterização político-ideológica dos conflitos revolucionários», do comandante Jaime de Oliveira Leandro, publicado na «Revista Militar» de Dezembro de 1962.

evolução e fim de uma ideologia — o «nazismo». Entretanto outra nasceu já — o «comunismo» — que se está processando aceleradamente com um desenvolvimento que se pode classificar de monstruoso, tão diabòlicamente actua sobre os espíritos descautelados e sinceros, como em geral são os dos jovens.

É um facto comprovado que estas ideologias se desenvolvem sem que seja possível opor-lhes barreiras efectivas, de qualquer natureza, de uma maneira eficaz, quer elas sejam geográficas, sociais, políticas ou intelectuais e ainda hoje se não descortina qualquer forma absolutamente eficaz de o conseguir. A difusão e a propagação meteórica dos conceitos ideológicos, quando são dirigidas por pessoas que conhecem profundamente o complexo psicológico humano — e é esta a característica saliente dos chefes comunistas — está hoje provado que é quasi impossível de controlar. As ideias-base de qualquer ideologia, mesmo simpáticas, para fins superiores, quando empregadas apropriadamente e com determinados fins, podem transformar-se em armas terríveis, de um poder verdadeiramente excepcional, que se pode tornar explosivo, quando são empregadas com fins de destruição.

Estas ideias, conduzem de tal maneira uma juventude «fraca e receptiva» que actualmente já muitos jovens aceitam e praticam o «amor livre» e no novo país dos hippies que foi iniciado em Katmandu, já as mulheres eram comuns a todos os homens. Continuemos a transcrição:

a) *Aliciar a juventude, afastando a da religião, interessando-a em problemas de biologia sexual, com vista a eliminar a sua armadura moral, tornando-a assim fraca e receptiva.*

b) *Controlar todos os meios de publicidade e*

1.º — *Promover a divisão do povo em grupos hostis, criando e alimentando querelas mútuas, mesmo sem importância, que os mantenham separados, em oposição e em estado de crescente emoção.*

2.º — *Desviar a atenção do povo dos problemas governamentais, procurando interessá-los na cultura física, na literatura e representações de carácter predominantemente sexual ou fútil.*

A propaganda, facilitada pelos filmes, está dando resultados alarmantes.

3.º — *Destruir a confiança nos «chefes» aproveitando todas as oportunidades para os denegrir, diminuir, caluniar e ridicularizar.*

Para a destruição da organização social ocidental, os «chefes» têm um âmbito muito largo; são todos os que dirigem, chefes políticos, chefes de empresa, reitores, professores, etc., mesmo os chefes de família.

Realmente a autoridade dos chefes está em alarmante declínio, com grande perigo para a «ordem social»; e os jovens são os mais fervorosos propagandistas desta diminuição progressiva da autoridade.

4.º — *Assumir uma atitude de defesa da democracia pura, mas tendo apenas em mente o domínio do poder; proceder tão rapidamente quanto for possível, mesmo recorrendo à violência, se for necessário.*

5.º — *Acentuar e dar a maior e mais sonora difusão a todo o eventual erro dos governos; procurar destruir o seu crédito e provocar o descontentamento geral por qualquer meio, como a inflação monetária e a alta sistemática dos preços.*

Esta recomendação dirige-se à destruição da autoridade e à criação da «indisciplina», como preparatória da revolução.

Nos países comunistas a autoridade é intolerante, indo até ao fuzilamento; é isto que esperaríamos os actuais propagandistas se o plano tivesse realização...

6.º — *Provocar greves, mesmo inúteis, nas indústrias-chave ou nas escolas; encorajar desordens civis e reclamar do governo moderação na repressão destas. Aproveitar todos os pretextos para as desenvolver.*

Esta recomendação explica a organização das greves nas escolas, que tão simpáticas são por vezes aos estudantes, os quais não percebem que estão a ser comandados por revolucionários que não têm o mais ligeiro interesse no motivo das greves, mas que querem manter o período de indisciplina e de revolta. Os prejudicados, no seu futuro, são os estudantes e tanto mais prejudicados quanto mais violenta e prolongada for a revolta e mais intensa for a sua actividade nessa revolta.

Para além da «cortina de ferro», estas revoltas, quando se iniciam, causam imediatamente a deportação para a Sibéria, de onde raramente se pode regressar.

7.º — *Procurar suprimir as virtudes tradicionais, como a honestidade, a sobriedade, o respeito pela palavra, a força moral, a isenção, etc., recorrendo mesmo a argumentos dúbios.*

Por estas regras se verifica o plano diabólico estabelecido e desenvolvido para obter a intoxicação social e, sobretudo, a destruição moral da juventude, que se procura assim afastar do respeito pelos princípios que levaram séculos a aperfeiçoar e a estabilizar e que fazem parte, hoje, do ideal do homem honrado e justo. Que perigo resultaria da destruição de tudo quanto aprendemos e dos ideais de que nos orgulhamos!...

Lançando os olhos sobre as ideias tenebrosas contidas no código que acabamos de resumir, compreendem-se sem dúvida e explicam-se claramente, sem dificuldades, um grande número de acontecimentos de todos

os dias que, para quem não está de posse da sua preparação e a articulação básica, se assemelham às vezes a verdadeiros enigmas. Verificar-se-á igualmente que as juventudes, são as classes que a propaganda deseja atingir, de preferência.

Ora, a organização de regras para que as pessoas possam viver em sociedade, fez-se gradualmente, desde a família, ao grupo, à tribo, à região e ao país. Diz um sociólogo que — o caminho do «Eu» até ao «Nós» leva mais de dez séculos a seguir, por vezes com intervalos largos, para se poder vencer o egoísmo, como princípio de defesa e conservação do indivíduo, até ao equilíbrio indispensável para que os homens possam associar-se, durante séculos —; para isso foi indispensável criar-se um espírito de justiça e os meios para a poder manter.

Depois de mais de 30 séculos de aperfeiçoamentos sucessivos, vem agora uma onda de propaganda, com fins políticos de destruição da «sociedade actual», para criar uma «sociedade nova» que intenta destruir, em uma ou duas gerações, o trabalho de tantos séculos! Mas é inevitável que, se fosse possível conseguir aquele fim, teriam de se criar depois novas regras comuns, para que se pudesse viver na nova sociedade, mesmo que tivesse de se recorrer a grandes violências.

Ora no estado actual, já se está actuando no sentido da propagação das novas ideias, *mas para cá da «cortina de ferro»*; para lá da cortina procede-se de maneira inteiramente contrária, não se permitindo qualquer afastamento da disciplina social, cujas contravenções são castigadas com a prisão, deportação ou fuzilamento. Mas apesar de toda a repercussão, feita com a maior violência, para além da «cortina» vai-se já regressando; já se não respeita o sentido exclusivo do bem comum, que era basilar, para criar o espírito do lucro, que é o motor indispensável ao progresso, para que possa proporcionar ao homem a satisfação dos seus desejos; estimula-se o lucro do trabalho e vai-se forjando um capitalismo, por gradações progressivas. A volta a uma sociedade em que o «Eu» tinha direitos, individuais e intelectuais, é um prognóstico racional, ainda que tenha de produzir milhões de vítimas, no seu caminho de recuperação. Não nos podemos iludir no sentido desta recuperação; ela não será uma restituição do estado «actual», mas uma nova organização de respeito pelo «Eu» e pelo «Nós», com direios e novas leis para os respeitar.

Estado actual

Os resultados da propaganda do plano e da assistência que lhe tem sido dada, em cada país, pelos adeptos do «partido» têm produzido um efeito progressivo, que se traduz pelo aumento de criminalidade, sobretudo infantil e na puberdade, pela destruição da organização da ordem social, pelo desrespeito pela autoridade, a dissociação da família, a inutilização do futuro de muitos jovens, o aumento do número de raparigas

com amantes, aumento do número de abortos provocados, propagação do consumo de vários intoxicantes, etc. — Esta situação, já vai passando dos casos pessoais, aos da organização de grupos, ou associados ou antagónicos, que se combatem em público e, no seu resultado final, a uma situação de perturbação social, que tem de ser enfrentada por todos os meios, para que se salve o futuro destes jovens e da sociedade futura.

Prognóstico

O prognóstico depende muito do «tratamento» e da forma como for orientado. Se não se der o cataclismo de uma guerra de destruição que se prepara, devemos esperar que a inteligência dos homens e a noção da defesa social possam conjugar-se para enfrentar o problema; para isso é necessário que todos tomem as responsabilidades que lhes competem na reorganização da sociedade, com o fim de tornar a vida mais feliz.

Como o problema tem vários aspectos e este artigo já vai longo, vamos concluir o nosso estudo num próximo número, em que trataremos do «tratamento possível» procurando estabelecer até que ponto são os pais ou os filhos, responsáveis pelos actos praticados. Depois referir-nos-emos à «Tentativa, fallhada, para a organização de um novo País Hippy».

CURIOSIDADES

● O alcoolismo e o crime nos Estados Unidos

O Prof. Richard H. Blum, do Instituto de Fisiologia da Universidade de Skanford, faz uma comunicação em que diz que 62,5 por cento das prisões feitas nos Estados Unidos em 1965, foram por delitos, desde a vagabundagem até ao assassinato, em relação com o alcoolismo.

Por outro lado, em uma investigação feita pelo Instituto Kinsey nas prisões da Califórnia e da Indiana, mostrou que 77 por cento dos homens que atacaram ou tentaram atacar, pequenas raparigas, estavam em estado de embriaguez e, frequentemente, por amigos das suas famílias. A criminalidade sexual é mais imputável ao alcoolismo do que à pornografia ou ao uso de estupefacientes.

● Pensamentos

- ★ A justiça é meia religião.
- ★ As boas palavras são às vezes grande esmola.
- ★ Se Deus não perdoasse, o paraíso ficaria vazio.
- ★ A humildade reforça o valor da glória.
- ★ O homem gasta o dinheiro e o dinheiro gasta o homem.
- ★ Ninguém é mais pobre do que o rico que se julga ao abrigo da pobreza.
- ★ É mais pobre quem tem a alma vazia de desejos do que o que tiver só as mãos vazias.

O CÂNCRO TEM CURA?

É um problema de alto interesse e que preocupa há muito os investigadores e os doentes.

Como há pouco tempo este problema foi posto pelo jornalista João Costa ao Professor Lima Basto, director do Instituto de Oncologia, cuja entrevista foi publicado no *Diário de Notícias* de 1 de Novembro de 1967 e como julgamos de maior interesse a sua divulgação, tomamos a liberdade de transcrever alguns trechos dessa interessante entrevista:

Vivemos mergulhados num oceano de agentes cancerígenos. — No ar que respiramos, envenenado pelos vômitos dos tubos de escape, há quantidades doseáveis de agentes cancerígenos?

«No meio ambiente do homem há centenas de agentes cancerígenos. Desde o eficiente insecticida aos cosméticos perfumados, desde a seda artificial aos plásticos, desde os corantes dos alimentos aos corantes da madeira, do vidro, da cerâmica e das tintas, desde os lubrificantes a certas ligas metálicas, desde o cigarro e até de certos medicamentos a poluição atmosférica pelos tubos de escape e combustão de carvões. Queiramos ou não, para não renunciar ao progresso irreversível, temos de nos habituar a lidar, em cada dia e em cada hora, com estes companheiros cancerígenos. Mergulhados num oceano de agentes cancerígenos que não podemos destruir, resta-nos o caminho de nos sabermos defender o melhor possível. Para isso temos de construir uma armadura colectiva e outra individual. A primeira não depende apenas de nós. Ultrapassa-nos e deve basear-se em leis rigorosas, que os poderes públicos têm a obrigação de fazer cumprir, em todos os momentos e circunstâncias.

Reparem, por exemplo, nessa multidão de tubos de escape que todos os dias, nas ruas das nossas cidades, carregam o ar de legiões de substâncias cancerígenas. São milhares de motores, em que os «Diesel» levam a palma a vomitar para o ar que respiramos a doença e a morte. Haverá exagero na afirmação?... Aqui há anos, em Pittsburgo e em Los Angeles (e nessa época qualquer destas cidades não tinha o movimento que hoje tem Lisboa) fez-se uma captação de ar das ruas de grande tráfego. Depois, sob pressão, esse mesmo ar foi injectado num compartimento onde estavam ratos. Sabem o que aconteceu?... Apareceram cancro nos brônquios dos roedores. Sabem agora que ar andamos a respirar?...

Na União Soviética, verificou-se, não há ainda muitos anos, um facto deveras significativo e esclarecedor. Uma cidade foi edificada, com objectivos não divulgados, tendo ao centro um rio e um pequeno bosque. Na margem norte foram proibidos todos os motores de combustão e todos os estabelecimentos fabris. Os habitantes apenas se podiam servir de motores eléctricos. Na margem sul, a cidade funcionou como qualquer

outra cidade desta era industrial. Os anos passaram e verificou-se esta coisa espantosa: — na margem norte, nem um caso de cancro de pulmão se verificou; na margem sul, as estatísticas eram iguais às de qualquer outra cidade industrial. Os homens, sem o quererem, foram cobaias de uma experiência extraordinária.

E o cigarro?... Está, de facto, provado que é causa de cancro?... É indiscutível! — Todos os cientistas e investigadores estão de acordo. Os fumadores registam o palmarés do número de cancros do pulmão. E não há filtros que obstem à acção de tais substâncias! Claro que há fumadores inveterados que morrem de velhos e sem os pulmões feridos pela neoplasia. Aí o problema é da resistência das células de cada um. O que está provado, através de numerosos trabalhos de experimentação biológica e química, é que o fumo do cigarro contém alcatrões nos quais se pode identificar, embora em quantidades mínimas, uma substância comprovadamente cancerígena, o chamado benzopireno. Entre nós, já em 1961 a Sociedade das Ciências Médicas deu um grito de alarme ao recomendar uma intensa campanha de educação, a partir das escolas primárias, que demonstrasse o perigo do vício de fumar. Recomendou-se também a proibição absoluta do uso do tabaco em todos os recintos públicos e transportes colectivos, indo-se ao ponto de sugerir a eliminação dos intervalos nos cinemas, o que, além de acabar com o aspecto tristíssimo das nossas salas de espectáculo nesses minutos de frenesim dos fumadores, iria beneficiar estes em última análise. Já lhes aconteceu entrar num cinema à hora do intervalo?... A densa cortina de fumo é mesmo de cortar à faca...

Os fumadores inveterados, sem coragem nem vontade para deixar o vício, têm um caminho para reduzir o risco: — é diminuir o número diário de cigarros e nunca fumar mais de um terço de cada um. Por enquanto, o remédio é diagnosticar o cancro precocemente, nas suas fases iniciais. Diagnosticado a tempo, o cancro é curável em 90 por cento dos casos; certas espécies, mesmo, em 100 por cento dos casos. Não ir ao médico, só com o medo de ter a doença é uma clamorosa falta de inteligência. O tempo, sim, é o pior inimigo. O cancro é curável, diagnosticado e tratado a tempo! Não ouvem o director do Instituto?... Está viva uma senhora, de 90 anos, que já teve três cancros. Nenhum deles, tinha relação com os outros. Diagnosticados a tempo, devidamente tratados, os cancros foram extirpados. Aos 90 anos, a única coisa de que queixa e que a faz sofrer é uma certa dose de reumatismo.»

Realmente, apesar de vermos, de vez em quando, nos jornais, notícias mirabolantes da descoberta de um medicamento para o cancro, não há outro meio, além dos recomendados pelo Instituto de Oncologia, para o tratar.

Deve-se no entanto usar de todos os meios de profilaxia tendentes a evitar o seu aparecimento. Até hoje, além dos que são aconselhados

normalmente, só appareceu uma comunicação, altamente interessante, do Professor Delbet à Academia de Medicina de Paris, sobre os efeitos dos sais halogéneos de magnésio a que nos referimos detalhadamente nos n.ºs 1 e 2 dos Estudos e cujos efeitos benéficos já têm sido verificados, especialmente na degenerescência do adenoma da próstata, em cancro maligno. Efectivamente, como diz o Professor Delbet, e como ali explicámos, os sais halogéneos de magnésio são a melhor medida contra o estabelecimento do cancro e devem ser usados, sobretudo, pelas pessoas que residam em lugares onde seja grande o número de automóveis sobretudo depois dos 45 ou 50 anos (¹).

(¹) Veja o artigo «Defesa contra o cancro» no n.º 1 dos «Estudos» (6.ª série).

CURIOSIDADES

(Continuação da Pág. 466)

Não faltava no começo a Magia, como nos primitivos ainda nos nossos dias, mas a pouco e pouco essa Medicina Mágica foi cedendo passo à Medicina Racional que a foi substituindo lentamente.

Os medicamentos preparavam-se no interior dos templos, com fórmulas numerosas e complicadas. Havia sacerdotes especialmente encarregados da sua preparação, chamados *Pastophorus* ou *Urma*, mas não tratavam sem a interferência de agentes sobrenaturais, como os talismãs, os feitiços, orações, interpretações de sonhos, exame dos astros e práticas mágicas — como os bruxos de hoje.

Própriamente, os meios de curar eram vários e dentre eles destacaremos a dieta, o repouso, banhos, unturas, massagens e práticas higiênicas. Já se fazia uso de clisteres e de cataplasmas.

A decifração do papyrus de Ebers, datado de 1.550 anos antes de Cristo, mostra-nos a medicina egípcia dotada de recursos que o mundo não conheceu tempos depois, por se ter perdido a tradição do seu uso e que só muitos séculos mais tarde reapareceram como novas conquistas. Assim se revelou o emprego pelos egípcios, 2.000 anos antes de Cristo, do ferro, do cobre, do antimónio e do mercúrio, alguns dos quais só voltaram a ser empregados como medicamentos no século XVI.

O *Nepenthes*, de que falava Horácio, tinha por base o ópio e a dormideira; era, segundo o referido papyrus, já empregada pelos egípcios 2.000 anos A. C. — As fórmulas farmacêuticas eram já semelhantes às actuais: — sucos, infusos decoctos, misturas, unturas aromáticas, vinhos, vinagres, mel, cerveja, etc. Fala-se no papyrus de Ebers, de produtos organoterápicos, obtidos por vezes, a partir de animais, como pata de burro, intestinos de antílope, lágrimas de cinocéfalos e outras de origem humana, como a bilis (como seria obtida?).

Ligadas mais ou menos à arte de curar, existiam no Egipto, duas outras profissões, a dos *Perfumistas* e a dos *Embalsamadores*, que adquiriram nome pela perfeição dos seus trabalhos.

Convém referir que cerca de 900 anos A. C. houve no Egipto uma forte corrente de cultura, que se espalhou por todo o mediterrâneo e depois se estendeu a outros povos mais distantes.

(Do livro «Os grands períodos da arte de curar», pelo Prof. Raul de Carvalho) — Continuaremos em outras notas a referir-nos a este interessante estudo.

Problemas de filosofia política

PODERÁ A DEMOCRACIA SOBREVIVER
EM UMA «SOCIEDADE TECNOLÓGICA?»

ESTAREMOS EM UMA FASE DE
«CRISE DA DEMOCRACIA?»

II

É este um problema de alto interesse a esclarecer entre os princípios idealistas que nortearam os séculos XVIII e XIX e as realidades da estrutura da sociedade no século XX, principalmente na sua segunda metade.

No número anterior publicámos as entrevistas com duas ilustres personalidades, Walter Lippman, considerado como o mais importante cronista americano, cujos artigos são publicados em mais de 250 jornais dos Estados Unidos e em grande número de revistas e jornais da Europa e o grande estadista Ludwig Erhard, a quem se deveu, principalmente, a fenomenal transformação económica da Alemanha depois da guerra.

Vamos agora transcrever a entrevista com um Professor Britânico de Ciências Políticas, cuja formação intelectual foi influenciada pela sua origem complexa, pois é um irlandês que nasceu na Escócia, foi educado em França, na Inglaterra e nos Estados Unidos e depois foi professor de Ciências Políticas, em Cambridge.

Sir Denis W. Brogan

Irlandês, nascido na Escócia e educado em França, Inglaterra e Estados Unidos. Actualmente é professor de Ciências Políticas de Peterhouse, Cambridge, sendo considerado como o mais autorizado técnico em política dos Estados Unidos, fora deste país. Durante a Segunda Guerra Mundial preparava radioemissões especiais, como oficial da «Inteligência» ao Serviço Europeu da British Broadcasting Corp., para emissões dirigidas ao movimento de resistência em França. Colaborou em publicações inglesas nos Estados Unidos e é autor de vários livros, entre os quais o «Carácter Americano» (1944) que é hoje já considerado como clássico.

Transcrevemos o seu depoimento:

«Todas as pessoas lêem com profunda atenção qualquer comunicação de Walter Lippmann sobre assuntos de interesse público. Vejo e sinto os problemas de que o Sr. Lippmann trata, tão intensamente como ele mesmo, porém não os vejo exactamente da mesma forma.

O problema de que se trata, da transformação dos princípios democráticos, foi provocado pela complexidade e rapidez das transformações

que actualmente nos afligem, transformações que podem libertar-nos de muitas das preocupações milenárias da raça humana, chegando possivelmente a destruí-las. Sempre senti grande simpatia pelos políticos, quando exercem um lugar público, mesmo dos políticos de que não gostava muito, pois que agora eles têm sobre si uma carga de responsabilidades e decisões. Como exemplo, cito a repetida afirmação de que, possivelmente, um pouco mais de sensatez e de energia do governo britânico em 1914 teriam podido evitar a Primeira Guerra Mundial. Possivelmente, segundo a minha opinião, um pouco mais de sensatez e de resolução poderiam ter impedido também a Segunda Guerra Mundial. — Porém, isto são dos problemas dos tempos antigos, que já apoquentaram os reis de Israel e da Judeia e que em 1917, igualmente apoquentaram o Presidente Woodrow Wilson dos Estados Unidos.

O que enfrentamos hoje é o velho «problema da decisão», com todos os inconvenientes de que a indecisão pode ser má e a certeza de que nenhuma decisão tem a certeza de ser boa ou má. — No entanto seja qual for a dificuldade no domínio dos detalhes, tem de se tomar uma decisão! — O Sr. Lippmann está muito preocupado, o que é natural, com as dificuldades em obter uma «decisão consciente» da massa do eleitorado e tem razão em insistir em que é quase impossível obter essa «decisão consciente». Eu não poderia afirmar que o eleitorado norte-americano ou o britânico, votariam em 1964 contra o que os seus respectivos governos, como estão fazendo em 1967. — Porém eles, com certeza, não votaram, num caso, pela intensificação da guerra no Vietname e, em outro, por uma política extremamente rigorosa de desinflação, não se importando sequer com os declarados pontos de vista do Partido Trabalhista. — O facto é que, se existir uma espécie de compromisso entre o eleitorado e o eleito, este se quebrou e isto foi nocivo para os princípios da democracia. As repetidas infracções, como esta, dos *quase-contratos*, provocaram a queda da Terceira e Quarta República em França e podem provocar a queda da Quinta, que se mantém desde a subida do General De Gaulle ao poder.

No entanto, estou preocupado com outro aspecto do «problema democrático, para o qual não encontro solução fácil, e que julgo mesmo que não terá solução: — Todos somos historicamente, suficientemente ilustrados para sabermos que a teoria do «branco e negro» da história dos partidos não é adequada e nunca o foi. Creio, por exemplo, que a Guerra Civil dos Estados Unidos foi motivada pela escravidão, mas, certamente, foi-o também por muitas outras causas. Sem dúvida, o Presidente Lincoln podia falar da forma como o fazia, geralmente com grande cautela, consciente de que os eleitores sabiam quais eram os seus propósitos habituais e que estes propósitos, que eram, acima de tudo, a preservação da União e, depois, a abolição da escravidão, como um meio para salvar essa União, foram facilmente compreensíveis para o mais ignorante

dos votantes. William Gladstone, na Grã-Bretanha, pôde manter-se apesar de ter desviado o curso apropriado da política britânica, quando investiu sobre uma *política exterior* ética, mas quanto à Irlanda praticou uma *política doméstica* ética. Isto não quer dizer que ele fora um político ingénuo, incapaz de sacar o az de trunfo da sua manga de prestidigitador. Porém o seu apelo ao eleitor britânico, se não era totalmente cândido, era bastante simples. E também se pode dizer que era verdade quanto às grandes controvérsias económicas dos princípios deste século.

Pode ser verdade que todos os bons argumentos a favor do «comércio livre» são muito simples e que todos os bons argumentos a favor das pautas alfandegárias altas são muito complicados. Porém o problema poderia ter sido discutido, muito inteligivelmente e inteligentemente por *todos* os políticos, alguns dos quais eram verdadeiros estadistas.

Hoje, porém, é absolutamente certo que muitos assuntos não podem ser decididos, a não ser por um reduzido número de pessoas, que possuem as informações básicas. Quem tem maior informação nos Estados Unidos, é o Presidente; quem maior informação tem na Grã-Bretanha é o Primeiro Ministro. Isto, ainda que lhes dê uma vantagem injusta, também lhes impõe uma responsabilidade e encargos, quase impossível e injustos. Não podemos esperar — e certamente não as receberemos — de Lyndon Johnson e de Harold Wilson, qualquer coisa parecida com a candura que o eleitor recebia de Lincoln ou de Gladstone, ou mesmo no século actual, dos Gladstones. Vasto número de decisões têm hoje que se tomar em uma base de informações, que é impossível medir ou apreciar justamente sem gozar do direito de acesso às mais secretas reuniões do Conselho do Governo. Quando os Romanos falavam do que eles chamavam os segredos do Império (*arcana imperii*) falavam de uma versão diferente e comparativamente simples dos problemas que hoje têm de se encarar.

É quase impossível ter, firmes e possivelmente correctos, pontos de vista inteligentes sobre muitos dos problemas técnicos que entram em jogo para fazer uma guerra no Vietname ou fazer um pacto de não-proliferação com os russos. Sòmente um pequeno grupo de pessoas — o poder executivo em cada país e, possivelmente, o Comité de Energia Atómica dos Estados Unidos — possuem realmente a informação básica; mesmo um comentarista brilhante como o Sr. Lippmann se encontra em ligeira desvantagem em relação àquelas entidades.

O que resulta destas observações pessimistas?

Ainda mais do que no passado, o governo necessita da confiança dos seus eleitores. O «homem da rua», deve acreditar que não foi enganado, nem mesmo para o seu próprio bem! Ele aceitará o silêncio, se for razoável, e a maioria dos votantes são-o; ele não terá a paixão, que é natural nos jornalistas e nos repórteres da televisão, para formularem perguntas, às quais nenhum governo prudente daria respostas, verdadeiras ou falsas. Mas ele deve acreditar que não se lhe está mentindo;

o que é mau; em uma política de mentiras é que, se falha, sucede como dizia G. K. Chesterton: — *Uma mentira não pode ser nova, mais do que uma vez...*

Se a única classe de relação efectiva entre o punhado de governantes que conhecem os factos básicos sobre os quais se devem basear as decisões (o que não garante que essas decisões foram boas) é a *confiança*, o crime maior que um governante pode cometer, é fazer alguma coisa que destrua essa «confiança». Quando digo que nem em Washington nem em Londres existe um perfeito conhecimento da importância que tem esta «confiança» não procedo como um político de partido. Por muito que nós façamos como eleitores, ou que faça o Congresso ou o Parlamento, ficarão muitas coisas que não sabemos nem conhecemos e que não devem ser reveladas ao público. Porém, há muita diferença entre manter os segredos necessários que, apesar de tudo, se mantêm, tanto para os governos rivais, como para os eleitores norte-americanos ou britânicos. Mesmo para obter qualquer vantagem política imediata, não se deve destruir a confiança que os votantes devem ter na sabedoria e honestidade dos seus mandatários. A principal fraqueza política em França neste século, tem sido a crença, que o povo francês tem, de que «está sendo traído»; se esta atmosfera de desconfiança se não desfaz, ou pior, se se converte em uma crença permanente, será muito grave o prejuízo feito a um governo democrático, que está já enfrentando um tempo tão difícil e duro.

Quais são as conclusões que devemos tirar destas opiniões e da observação directa dos factos?

— *O princípio idealista da democracia pura está realmente em crise! — Porquê?*

Durante séculos, os direitos só pertenciam a uma ou duas classes do povo; os outros viviam na «servidão», que a princípio era compreendida e até considerada como lógica, quando se dependia dos senhores que, por seu turno, tinham a obrigação de organizar a defesa dos homens, até ao sacrifício da própria vida, em guerras, ou contra assaltos de outros senhores ou de grupos de salteadores. Mas à medida que aumentou a segurança colectiva e individual, o homem principiou a desejar ter outros direitos, outras liberdades e começou a luta para se obterem dos reis, os «forais» necessários que garantissem a situação do «vilão» ou do «cidadão» dentro do país; e foram os reis que deram estas cartas de liberdades, progressivamente mais largas, por vezes já com lutas contra os pequenos ou grandes senhores.

As aspirações chegaram, no século XVIII, a generalizar-se de tal forma que deram origem à Grande revolução Francesa, a que se seguiu um governo revolucionário que organizou um sistema chamado «demo-

crático», sob o signo da «Liberdade, Igualdade e Fraternidade», mas transitando por um «Regime de Terror» o mais anti-democrático possível.

Ora a «democracia» constituía a suprema aspiração de todas as pessoas. E, se nunca se chegou a uma democracia pura, atingiu-se uma situação, em que os direitos do homem se podiam manter, da melhor maneira possível.

De então para cá, principiou a mudar o fim que se desejava atingir. A «felicidade perfeita» é como um «limite» de que nos desejamos aproximar tanto quanto possível, mas que nunca se chegará a atingir. Com a conquista dos direitos possíveis do homem, veio paralelamente o «bem-estar», conquistado a pouco e pouco. Os progressos do «bem-estar» nos séculos XVIII e XIX foram verdadeiramente revolucionários! — Mas, no século XX ainda estamos longe da «felicidade pura» e continuaremos a estar!

Transformou-se pois a ambição de todos os homens. — O «limite» que todos desejam atingir é um maior «bem-estar», extensivo a todos os homens. E o limite da «democracia pura» como ambição máxima, deu lugar ao limite do «maior bem-estar».

As guerras para conquista de terras, nos povos mais adiantados, cederam o lugar às lutas para conquista de mercados que nos garantam os meios de comprarmos bem-estar. As alianças políticas de outrora deram lugar aos «tratados de comércio», aos «grupos económicos internacionais» e se ainda hoje se pensa em guerras, apesar de tudo, é para conquistar maiores espaços para a expansão da nossa economia.

Antigamente enviavam-se soldados para as conquistas. Hoje, enviam-se dólares, marcos ou francos; em lugar de procurar aterrorizar, vai-se com o sorriso nos lábios, prêgando a amizade, para se conseguirem posições estratégicas de domínio económico.

E a «democracia»? — Coitada! Nesta fase tecnológica, tem de aprender a adaptar-se aos novos princípios! Os homens não hesitam em sacrificar a democracia pura, para se aproximarem mais da felicidade material.

As fronteiras esbatem-se; cada vez são mais ligeiras perante esta onda que invade o mundo. O que a força não conseguiu, está sendo tentado pela inteligência. Mas, como se sabe que a inteligência, a convicção de um melhor «bem-estar da humanidade», pode não ser suficiente e não ter sucesso entre nações ou grupos de nações, continua-se a preparar a força, como último meio. *O que sairá desta transformação da mentalidade a que estamos assistindo?*

Não sabemos ainda! — Mas o que sabemos é que a democracia, como *elemento essencial e ideal* está a ser destruída e substituída por uma outra democracia de arranjos mútuos, flexível e frequentemente, tendo de dar o lugar ao novo princípio, que tudo domina — A Economia.



No caso de uma
Bronquite acentuada, com tendência
para se
TRANSFORMAR EM BRONCOPNEUMONIA
se se actuar prontamente com a

Penampla

consegue-se frequentemente dominar a sintomatologia e a bronquite passa a seguir a ter o quadro normal da «bronquite ligeira».

(Pedir literatura especial ao Laboratório Sanitas)

UM NOVO FUNGICIDA
DE ALTA EFICÁCIA

GRISOMICON

antibiótico antifungico contra os agentes das várias «tinhas» do coiro cabeludo, da barba, unhas e pele glabra.

A posologia e duração do tratamento, muito variável para cada caso, estão particularmente detalhadas em literatura especial, que se enviará aos Srs. Médicos que a requisitem ao Laboratório Sanitas.

**CONFORTO
MOBILIDADE
INDEPENDÊNCIA**



COM

Cadeiras

rodadas

ALLWIN



medicinalia

SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS HOSPITALARES
RUA DO CONDE REDONDO, 74 LISBOA